

APRESENTAÇÃO

Olho d'água, v. 13, n. 1, 2021

“A música faz-me esquecer de mim próprio, da minha verdadeira situação, transporta-me para outro espaço qualquer que não é o meu: a música parece que me faz sentir o que na verdade não sinto, que me faz compreender o que não compreendo, parece que, com a música, posso fazer o que na verdade não posso.”

Essas palavras de um personagem de Tolstói na *Sonata a Kreutzer* ilustram uma das formas de representação da arte na literatura do século XIX, sua capacidade de sensibilizar os indivíduos e excitar as paixões. No caso de Tolstói, a associação entre arte, paixão e pecado cria uma narrativa sutil e complexa, que é analisada por Mario Luiz Frungillo no artigo que abre este dossiê “Artistas e escritores na ficção dos séculos XIX e XX” de *Olho d'água* e discute a interpretação recorrente na crítica, de que a novela refletiria as ideias do autor. Fazendo a distinção entre o que seria uma coerência entre vida e obra do autor, muito presente nas leituras da *Sonata*, e a coerência na construção literária da novela, a análise de Frungillo de certa maneira retoma e atualiza a dimensão ética da leitura com que Tolstói vem provocando seus leitores ao longo de mais de um século.

Não menos problemática é a representação da criação artística que se coloca entre o ideal mais elevado e a esfera do mercado, como vemos no artigo de Thaís Marques Soranzo. A partir da leitura de dois contos de Henry James, Soranzo mostra como o autor tematizava o processo criativo como um esforço angustiante e circundado de uma aura de intangibilidade, em contraste com a superficialidade do produto que se oferece ao consumo do grande público. Soranzo argumenta ainda que, ao tratar essa tensão entre arte e consumo, James deixava perceber um olhar irônico sobre o seu próprio papel nesse mercado editorial, fazendo com seus contos dialogassem diretamente com os valores dos veículos de imprensa no qual eram publicados.

Na sequência, Vinicius Santos de Souza discute como o romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia, foi lido pela crítica de sua época por meio de sua relação com o naturalismo de Émile Zola. Analisando a crítica de José Veríssimo a respeito de Pompeia, Souza argumenta que se o crítico paraense tinha ressalvas à escola, exaltava a originalidade e a sensibilidade do escritor, destacando a singularidade da obra em seu momento.

O tema do lugar social da escrita se constitui no eixo central dos artigos de Breno Góes e de Letícia de Freitas Greco. O primeiro estuda o entrelaçamento da literatura com a política em seu estudo sobre *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós. Góes nos mostra nesse artigo que Eça incorpora em seu romance como problema a transformação do papel da literatura que ocorre com a emergência de um público que lê com a pressa e o rumor das ruas que caracterizam a vida moderna. Nessa transformação, a literatura, por um lado, se descola do poder político para o qual era tradicionalmente uma via de acesso, ao passo que, por outro lado, passa a construir um outro espaço de poder que lhe seja próprio, da produção de

ideologia. Já no artigo de Letícia Greco, a relação com a imprensa é trazida ao primeiro plano na análise de três obras de Camilo Castelo Branco. Ficcionando a figura do jornalista, a imprensa serve como elemento decisivo para o enredo dos romances e, assim, também da desilusão, que conduz da literatura à lógica burguesa.

Fechando este dossiê, Ana Cecília Agua de Melo nos apresenta sua leitura de *A rainha dos cárceres da Grécia*, de Osman Lins. Neste artigo, Melo nos oferece um olhar em perspectiva da obra de Lins, vista em sua contemporaneidade, lado a lado com Clarice Lispector e João Antônio. Sobre a crítica de uma obra inédita de uma autora já falecida, encontramos a imagem do escritor como ser fora de série, em conflito com a sociedade, de modo que, cumprindo o arco temporal de um século, desde Camilo Castelo Branco, encontramos ainda uma reelaboração da figura do personagem problemático identificado ao mundo das artes.

Além do dossiê, este número de *Olho d'água* traz em sua seção *Vária* duas significativas contribuições à história literária. Centrando seu estudo na figura do livreiro e editor Baptiste-Louis Garnier, tomado como um mediador cultural, Lúcia Granja apresenta uma parte relevante da história do desenvolvimento de um mercado editorial no Rio de Janeiro. Práticas como a publicação de livros de boa qualidade em Paris, a diversificação de gêneros publicados para aumentar o público leitor, trazidas por Garnier, se constituiriam assim em um modelo para livreiros posteriores. Por fim, Roberto Kaput González Santos discute a produção novelística da Revolução Mexicana. Estabelecendo um amplo diálogo com a historiografia literária sobre o tema, González propõe uma nova periodização do ciclo revolucionário, dividindo-o em quatro períodos entre 1910 e 1969.

Fechando este número, publicamos uma entrevista da escritora portuguesa Isabel Rio Novo, concedida a Jorge Vicente Valentim. Representante da atual literatura portuguesa, Isabel Rio Novo estreou em 2004 com *O diabo tranquilo*, seguido pelo premiado *A caridade* (2005), e seu livro mais recente é *Rua de Paris em dia de chuva* (2020). Nessa entrevista ela reflete sobre a sua escrita e nos deixa ainda mais impressionados com o fato de ser tão pouco conhecida no Brasil.

Vistos em seu conjunto, os trabalhos aqui publicados oferecem uma alentadora imagem da vitalidade do campo dos estudos literários, apesar do momento de absoluta marginalização e sufocamento das ciências humanas. Entregando ao leitor este número de *Olho d'água*, esperamos que a oportunidade de refletir sobre artistas e escritores na ficção traga também a urgência de se compreender criticamente tudo que fizemos para chegar ao ponto em que se encontra a imagem da cultura em geral em nosso presente, e quem sabe essa compreensão nos indique um caminho melhor para o futuro.

Jefferson Cano
Rafaela Mendes Mano Sanches